

O aplique

Paulo Hijo

Tenho um amigo de ar sereno e de bom coração. Numa sexta-feira, como de costume, enquanto caminhava tranqüilamente pela Avenida Goiás, rumo a um banco localizado na Praça Cardeal Arco Verde, no centro de São Caetano do Sul, região do ABC Paulista, teve repentinamente que interromper seus passos para atender a um chamado de uma voz juvenil:

- Senhor!

- Sim, meu jovem?

- O senhor poderia me dizer se Mauá fica para este lado ou é para lá?

- Nem pra cá nem pra lá. Mauá fica para aquele lado, depois de Santo André. – Meu bom amigo disse, apontando com o indicador a direção correta.

O menino agradeceu e pôs se a caminhar em direção ao seu destino. Mas não deu dois passos, ouviu:

- Moço! O ponto de ônibus mais próximo fica bem ali, em frente àquela praça. Já o outro fica a mais de três quadras. É melhor você voltar.

- Não, eu vou a pé.

- Mas Mauá, de São Caetano, é muito longe.

- É longe?

- Muito.

- Sabe o que é? Cheguei ontem do nordeste e vou pela primeira vez visitar uma irmã que mora lá. Não pensei que fosse tão longe.

- É muito longe.

- Mesmo assim, vou ter que ir a pé. Para quem já andou de Sacomã, da casa do meu primo, onde dormi, até aqui, não custa caminhar até Mauá.

- Bem, de Sacomã até aqui não é muito longe. Agora, daqui até Mauá tem chão, meu amigo. Por que não pega o ônibus? Ele passa bem ali.

- Sabe o que é? Gastei todo o meu dinheiro na viagem da minha terra para cá. Estou indo para minha irmã para ver se ela me empresta uns trocados. Estou sem um tostão.

Antônio Carlos se comoveu, botou a mão no bolso, arrancou a carteira e perguntou:

- Você já tomou o café da manhã?

- Não. Eu vou comer na minha irmã.

- Olha, toma aqui este dinheiro. Dá para você lanchar, ir e voltar de ônibus e ainda vai lhe sobrar uns trocados para você poder procurar um emprego amanhã. Caso sua irmã não tenha para emprestar para você, você está garantido para procurar emprego.

- Não, não precisa. Eu vou a pé e chegando lá, eu como alguma coisa que minha irmã me der.

- Olha aqui o dinheiro. Eu insisto, pega.

- Obrigado, senhor, mas não posso aceitar seu dinheiro. Eu nem conheço o senhor, como

posso pegar o seu dinheiro. Não é justo.

- Não importa que não me conheça. Acredite, estou dando de coração.

- Como não conheço o senhor, como posso devolver o dinheiro um dia?

- Não estou lhe emprestando. Estou dando o dinheiro para você. Toma aqui. Pega, vai!

- Não, obrigado. Não é justo.

- Pela última vez, ou você pega ou eu...

- Ó, meu senhor, já que insisti tanto. Muito obrigado. Que Deus lhe dê em dobro, então.

O jovem, colocou o dinheiro no bolso da calça e caminhou em direção ao ponto de ônibus. O meu amigo, satisfeito por ter podido ajudar o pobre rapaz, dirigiu-se para o banco.

Um mês depois, meu amigo, quando descia tranquilo e despreocupadamente a rua Rio Grande do Sul, ao passar pela Câmara Municipal, teve a sua distração interrompida por uma voz juvenil conhecida, que interpelava uma senhora de aparência bondosa:

- A senhora poderia me dizer se Mauá fica para este lado ou é para lá?

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-aplique>